

política



Repórter Brasília Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Diagnosticar antes do colapso

KAYO MAGALHÃES/CÂMARA DOS DEPUTADOS/JC



Há discursos que passam. Outros deixam diagnóstico. O do deputado federal gaúcho Pedro Westphalen (PP, foto), na tribuna da Câmara, entra na segunda categoria, e não por acaso. Médico, ele fez o que falta ao país: tentou organizar sintomas que Brasília insiste em tratar como episódios isolados. O ponto de partida é simples, quase didático: “diagnosticar bem é tratar melhor”. A frase, repetida por ele, deveria ser um lema de governo. Mas, no Brasil, ainda se governa no escuro – sem exame, sem dados, sem prevenção.

O erro começa antes da doença

Ao defender uma política nacional de diagnóstico laboratorial no SUS, Westphalen expõe uma falha estrutural. O País que se orgulha de um sistema universal ainda negligencia a base da medicina: o diagnóstico.

Dignidade no atendimento

Sem isso, não há eficiência, não há economia, não há dignidade no atendimento. O resultado é conhecido, filas, exames tardios e tratamentos mais caros. Ou seja, o Brasil paga mais porque decide mal. E pior, invisibiliza quem sustenta essa engrenagem. Laboratórios e bioquímicos seguem fora do debate, mesmo sendo decisivos, inclusive na pandemia. É o típico caso brasileiro de valorizar a ponta e ignorar o alicerce.

O campo pede prazo, não discurso

Quando o deputado entra no tema rural, o tom muda, e com razão. O Rio Grande do Sul virou um laboratório de crise: seca, enchentes e colapso de renda. “A proposta de securitização das dívidas não é favor, é sobrevivência. Não queremos perdão, queremos prazo”, disse. E é exatamente isso: alongar dívida para manter produção. Hoje, o produtor planta no prejuízo. O arroz não paga o custo. Ainda assim, segue produzindo. Não por política pública, por insistência. Se Brasília não reagir, o problema deixa de ser regional e vira nacional. O agro sustenta o PIB, mas está sendo empurrado para o limite.

A tragédia virou rotina

Outro ponto incômodo: o Brasil ainda reage a desastres como se fossem exceção, e não são. São recorrentes. Westphalen toca na ferida: “falta planejamento urbano, falta prevenção, sobra improvisado. Casas em áreas de risco continuam sendo autorizadas. Depois, vem a tragédia, e o discurso de solidariedade. A conta chega sempre depois, e sempre mais cara”.

Crédito travado, violência crescente

No crédito rural, o cenário é de sufocamento. Regras que deveriam organizar acabam afastando quem produz. O risco é claro: travar financiamento em um país que depende da própria produção. E, no campo social, o alerta é ainda mais duro. “O aumento dos feminicídios no Rio Grande do Sul expõe outra falha estrutural; o Estado ainda chega tarde demais.”

Brasília precisa parar de reagir

O discurso de Westphalen não é apenas um conjunto de pautas. É um aviso. “O Brasil segue operando no modo emergência permanente. Na saúde, falta diagnóstico. No campo, falta fôlego. Nas cidades, falta prevenção. Na política, falta prioridade”. O País não pode continuar tratando sintomas quando o problema já é sistêmico. Porque, no fim, a frase do deputado vale para tudo: “sem diagnóstico, não há solução”.

Cachoeira do Sul foca na

Entrevista Especial

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Localizada na Macrorregião Central do Estado, às margens do rio Jacuí, a cidade de Cachoeira do Sul foi um dos locais mais atingidos pelas enchentes de 2024. O acesso municipal pela histórica Ponte do Fandango ainda não foi retomado, visto que a estrutura passa por uma reforma para elevar sua altura buscando a resiliência climática. O problema logístico tem gerado entraves econômicos, ampliados pelas safras frustradas por estiagens ou chuvas excessivas ao longo dos últimos anos.

Nessa perspectiva, o prefeito da cidade, Leandro Balardin (PSDB), acredita que a retomada econômica que está em curso é uma das prioridades do seu governo – especialmente após a conclusão das obras da ponte, que está prevista para junho. A gestão municipal, entretanto, ainda tem outro grande desafio: o de colocar em dia as contas públicas, pois quando assumiu era registrado um déficit anual de R\$ 66 milhões. A perspectiva, entretanto, é fechar 2026 com um saldo devedor menor.

Nesta entrevista exclusiva ao **Jornal do Comércio**, Balardin comenta o cenário econômico da cidade que recebeu o segundo evento do Mapa Econômico do RS de 2026, realizado no dia 15 de abril. No encontro, foram debatidos os principais desafios e oportunidades de desenvolvimento econômico da região.

Nesse contexto, uma das principais oportunidades destacada por ele está relacionada à atração de empresas ao novo distrito industrial do município, vinculado ao governo estadual, que poderá impulsionar a retomada do porto e a navegação pela hidrovia do Jacuí. Já os entraves estão relacionados, na sua visão, à organização da gestão pública para dar conta de uma infraestrutura e logística deficitárias.

A economia, entretanto, tem conseguido se transformar. Um dos polos pioneiros da rizicultura no Rio Grande do Sul, Cachoeira do Sul está diversificando a produção agrícola. A soja atingiu uma nova fronteira nas últimas décadas rumo ao centro do Estado que al-

cançou o município. Além disso, as produções de noz-pecã e azeite de oliva se consolidaram, trazendo um alto valor agregado aos produtos comercializados. A indústria também toma força e, frente à reforma tributária, a gestão municipal busca incentivar o avanço no setor de serviços.

Jornal do Comércio – Quais acredita que são as principais oportunidades de desenvolvimento econômico de Cachoeira do Sul?

Leandro Balardin – Cachoeira do Sul tem como base a agricultura e a pecuária, a produção primária, em resumo. Mas é uma cidade com bastante comércio e espaço para a indústria. Temos um novo distrito industrial próximo ao porto que é a principal cereja do bolo daqui, com um programa estadual de incentivos que pode incentivar a chegada de novas empresas. O principal foco é potencializar, propagar, difundir e divulgar o distrito que tem áreas de mais de 100 hectares à disposição.

JC – Qual é o papel das indústrias no desenvolvimento da região?

Balardin – É bastante forte, tem impactado bastante. Existe o setor metal-mecânico, grandes agroindústrias, grandes empresas que têm se fortalecido e estão sobrevivendo mesmo com o impacto da agricultura.

JC – Há perspectiva de que o transporte hidroviário seja fortalecido pelo porto?

Balardin – O que pode fortalecer é exatamente a impulsão de novas empresas e indústrias no local. Há cerca de dois anos, Cachoeira do Sul recebeu a operação da Cargill, que é uma empresa multinacional e está enraizada, estabe-

lecida na cidade, tendo comprado a Granol. E já tem dois novos empreendimentos se instalando próximo a ela no distrito industrial, além de termos espaço para atrair outros negócios. Nosso porto engatinha, mas a cidade tem no radar sempre o olhar para o futuro.

JC – E o distrito industrial do município, tem perspectiva de atrair novos negócios?

Balardin – A primeira missão que temos, diante de tudo que o município passou, é fortalecer a casa e não perder grandes empresas que já estão estabelecidas aqui. Não podemos olhar só para fora e esquecer o interno. Então, hoje, o foco é reorganizar o município, que também teve impactos políticos desastrosos na gestão passada. Estamos focando em organizar as contas públicas, buscando o equilíbrio. A infraestrutura da cidade se precarizou muito nos últimos governos, então tem bastante desafios.

JC – Como está a questão das obras da Ponte do Fandango?

Balardin – Tem a notícia ruim e a boa. A ruim é o impacto que já provocou pelos três anos de interdição da ponte. E a boa é que em dois meses vamos ter uma ponte nova que vai durar por mais cem anos tranquilamente, dando passagem para caminhões de alta tonelagem, alto número de carga. O que passou foi muito ruim, já impactou muito a economia da cidade. A ponte ficou anos funcionando com para e siga, um período submersa na enchente (de 2024) e ano passado quase voltou a ficar submersa de novo. Com a nova ponte, esse transtorno tem data para acabar, 30 de junho. E, em julho, provavelmente estaremos com a ponte nova liberada. Essa novela está acabando.

JC – Por enquanto, o trans-



“Em dois meses vamos ter uma nova ponte (do Fandango), com passagem para caminhões de alta tonelagem”